

Economics, Psychology and the History of Consumer Choice Theory

Cambridge Journal Economics

Hands, D.Wade.

Objetivo

Examinar a influência da psicologia na história da teoria da escolha do consumidor. Principalmente, no desenvolvimento da teoria ordinal e da preferência revelada. Confrontando a história padrão.

Introdução

- Retirada da psicologia da teoria da escolha do consumidor durante a revolução ordinal:
 - Economistas *Mainstream*, acreditam que foi algo bom;
 - Economistas Comportamentais, acreditam que foi algo ruim.

História padrão

1. Entrada da psicologia na economia durante a revolução neoclássica de 1870.
2. Permaneceu durante a hegemonia da teoria da utilidade cardinal.
3. Foi retirada durante a revolução ordinal e da preferência revelada.

Teoria cardinal

- Teoria de escolha marginal baseada na utilidade, empregando a utilidade cardinal, com caráter hedonista.
 - Cardinal, pois as diferenças na avaliação de várias cestas de bens assumem valores numéricos.
 - Hedonistas, pois os níveis de utilidade eram associados à quantidade de sentimento psíquico prazeroso (ou doloroso) que o consumidor recebe de uma determinada cesta de bens.

Robbins e Slutsky teceram críticas à teoria cardinal e as suposições psicológicas envolvidas nela.

Segundo Slutsky, a ciência econômica deveria ser completamente independente de suposições psicológicas para se ter soluções dos problemas relacionados à mensurabilidade.

Revolução ordinal: O começo da fuga da psicologia

A revolução ordinal ofereceu uma solução para o dilema anterior. (nova teoria x observabilidade).

- Maximização de uma função de utilidade.
- Função de utilidade representa um ordinal (melhor ou pior).
- Preferências podem ser representadas por curvas de utilidade, mas uma curva de indiferença particular não estava associada a nenhum nível de utilidade cardinal (número).

Sendo assim, segundo a história padrão, com a teoria ordinal, a psicologia foi totalmente estipada da teoria de escolha do consumidor.

Teoria da preferência revelada: Fase final da fuga da psicologia

Samuelson reconstruiu a teoria de escolha do consumidor por uma linha completamente behaviorista (conjunto de abordagens, que propõe o comportamento observável como objeto de estudo da psicologia): o que chamamos de teoria da preferência revelada.

A teoria original da preferência revelada, representou o ápice da fuga da psicologia pautada por introspecção.

Economia comportamental e experimental: O renascimento da psicologia

Há um movimento crescente de volta da psicologia à teoria de escolha do consumidor.

A economia comportamental vem se consolidando como um novo campo de estudo, mantendo vínculo estreito com a psicologia experimental, pois:

- Há uma disposição geral entre os economistas convencionais em aceitar fatos estilizados sistemáticos da literatura sobre psicologia experimental: efeito dotação, enquadramento, aversão à perda, ancoragem, reversões de preferência, contabilidade mental, etc.
- A presença da economia experimental como um campo bem estabelecido de pesquisa econômica, com PhDs, artigos em revistas econômicas respeitadas, reaproxima economistas convencionais da psicologia.
- Outro ponto, é que agora existem instrumentos para monitorar a atividade mental, que não existiam anteriormente.

Desafiando a história padrão

Metodologia

O autor desafia a narrativa da história padrão utilizando a metodologia de pesquisa documental, extraíndo trechos dos artigos originais para comprovar sua hipótese.

Fornecendo três exemplos de economistas (Slutsky, Robbins e Samuelson) conhecidos por ajudar a "expulsar" a psicologia da teoria de escolha do consumidor, o autor demonstra que alguma versão da psicologia sempre esteve presente na teoria de escolha do consumidor desses economistas:

- Ao final do seu artigo de 1915, Slutsky afirma "considerar necessário completar o conceito formal de utilidade de modo a colocar o aspecto econômico do problema da utilidade em estreita relação com o psicológico". Além disso, Slutsky acreditava que "as leis econômicas não podem ser derivadas por indução do estudo de fenômenos concretos, ou de afirmações empíricas sobre eventos concretos. Eles só podem ser deduzidos de postulados de um sistema axiomatizado da praxeologia, a ciência original da economia [...]". Se aproximando mais do priorismo de Ludwig von Mises do que do empirismo de Hicks ou Samuelson.

Uma história alternativa sobre o relacionamento

- No século XIX, a psicologia é dominada pela introspecção e pela volição.
- No século XX, a psicologia voltou-se para abordagens experimentais e behaviorismo e, assim, afastou-se tanto dos fenômenos psíquicos quanto do livre-arbítrio.

- Os psicólogos tradicionais estavam dispostos a fazer compromisso sobre se era mais importante defender uma noção de volição humana ou se era mais importante apoiar a prática disciplinar, de acordo com o behaviorismo, que era o método científico adequado.
- A **tese central** do autor sobre a história da teoria da escolha do consumidor é de que os economistas nunca estiveram totalmente dispostos a se comprometer com um ou outro, e sempre quiseram ambos: volição e ciência causal.

- A revolução ordinal foi uma solução perfeita para o problema de credibilidade epistêmica do final do século XIX. Permitindo que a teoria econômica se desprendesse de sua dependência do hedonismo e do cardinalismo, ao mesmo tempo em que mantinha a ideia de que o comportamento do consumidor era baseado na liberdade do agente em escolher sua cesta de bens preferida.
- A crítica de Robbins ao behaviorismo estrito é que ele significaria que não havia escolha na teoria do consumidor, e isso nunca foi aceitável, nem para Robbins nem para a maioria dos economistas.

- A teoria da preferência revelada reforçou as credenciais científicas da teoria da utilidade. Com o desenvolvimento do axioma forte da preferência revelada, foram necessárias apenas algumas manipulações para provar a equivalência geral das abordagens de preferência revelada e utilidade ordinal.
 - A observabilidade da parte 'revelada' resolveu o problema científico.
 - O aspecto motivacional da parte 'preferência' resolveu o problema volitivo.

Por que os economistas nunca desistiram totalmente de nenhum dos dois problemas?

- Como *mainstream*, eles não queriam abandonar a "roupagem" científica. Portanto, se esforçaram em manter uma abordagem behaviorista (observável).
- No entanto, também não quiseram abrir mão do processo cognitivo que envolve a escolha (volição), pois as economias de mercado são baseadas na soberania do consumidor, que são livres para consumir e que escolhem de acordo com suas preferências (livre arbítrio). Isso sempre esteve no cerne do pensamento econômico.

Considerações finais

Flávio Hugo Pangrácio Silva

Adrian Luís Pereira da Silva Rocha

Principais referências do artigo

Robbins, L. 1952. *An Essay on the Nature and Significance of Economic Science*, 2nd edn. London, Macmillan [first edition 1932]

Slutsky, E. E. 1915. Sulla teoria del bilancio del consumatore, *Giornale degli Economisti*, vol. 51, 1–26[translated in Stigler, G. J. and Boulding, K. E. (eds) 1952. *Readings in Price Theory*, Homewood, IL, Richard D. Irwin, pp. 27–56]

Slutsky, E. E. [1926] 2004. An enquiry into the formal praxeological foundations of economics, *Structural Change and Economic Dynamics*, vol. 15, 371–80[translation by Claus Wittich]

Slutsky, E. E. [1927] 2004. A critique of Böhm-Bawerek's concept of value and his theory of the measurability of value, *Structural Change and Economic Dynamics*, vol. 15, 357–69[translation by Roger V. Rosko and John S. Chipman]

Samuelson, P. A. 1938. A note on the pure theory of consumer's behaviour, *Economica*, vol. 5, 61–71

Samuelson, P. A. 1948. Consumption theory in terms of revealed preference, *Economica*, vol. 15, 243–53

Samuelson, P. A. 1950. The problem of integrability in utility theory, *Economica*, vol. 17, 355–85

Earl, P. E. 2005. Economics and psychology in the twenty-first century, *Cambridge Journal of Economics*, vol. 29, 909–26

Referências bibliográficas

HANDS, D.Wade. Economics, Psychology and the History of Consumer Choice Theory. **Cambridge Journal of Economics**, v.34, n.4, 2010. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=988125>>